

Mário _____
Garcia

Vieira e Eça de Queirós

Vieira e Eça de Queirós

O «Sermão XXV de Maria, Rosa Mística», do Padre António Vieira, e o conto, «O Defunto», de Eça de Queirós Por Mário Garcia

Não pretende esta breve nota determinar, com exactidão, se o Sermão XXV da série dos 30 Sermões sobre o Rosário, *Maria, Rosa Mística*, do Padre António Vieira, terá exercido, de facto, influência directa sobre a génese, enredo e composição, do conto de Eça de Queirós, *O Defunto*. O Romancista pode não ter bebido directamente do sermão em causa; pode ter utilizado uma colectânea ou "dicionário" de milagres marianos, onde se terá inspirado; pode até essa fonte ter sido a mesma que o Padre Vieira utilizou...

Pretendemos, somente, chamar a atenção para o diálogo intertextual que se pode usufruir na leitura dos dois textos, e tirar alguma conclusão, de modo particular, sobre o modo como cada um dos dois escritores, no seu respectivo contexto, fala do amor.

Vieira, ou o amor sacro

No final do exórdio, em que o pregador expõe o tema do sermão, lemos o seguinte: "o mesmo Rosário havia de ser a arte e instrumento mágico, com que Cristo havia de enfeitiçar e encantar aos homens: e com que os mesmos homens depois enfeitiçados, o haviam de enfeitiçar também a Ele e a sua Mãe. Está dito em poucas palavras, o que hei-de provar em muitas" (p. 1137¹).

Cristo é o mago, e o Rosário o instrumento, com que "o nosso Divino Encantador" (p. 1148), enfeitiça os homens. Aqueles unguentos, por exemplo, que aparecem no *Cântico dos Cânticos*, que virão a ser, senão os mistérios gloriosos? "Porque Cristo, como Soberano Encantador, também na sua divina magia tem outros unguentos, com que ungidos os que O querem seguir, voam após Ele, que é a graça e unção do Espírito Santo, que com sua vida e morte nos mereceu" (p. 1150). Que tipo de "feitiçaria" é esta? "Uma feitiçaria tão usada, como efectiva, é tomar o feiticeiro a imagem da pessoa que quer enfeitiçar e ir executando na mesma imagem tudo o que pretende que a pessoa enfeitiçada faça, ou padeça" (p. 1151). Pois bem. O Verbo Eterno encarnou, "não só sujeito a todas as pensões da natureza, senão a todos os rigores da fortuna" (p. 1154). A que fim? "O fim foi para Deus enfeitiçar os homens, por amor dos quais O fizera homem. O Demónio enfeitiça o homem, pondo os feitiços na imagem do homem; porém Deus enfeitiçou o homem pondo os feitiços, não na imagem do homem, senão na sua" (p. 1154). Isto é, o Verbo Eterno tomou para si a imagem do homem, que Ele queria enfeitiçar, e executou nela, ou em si mesmo, os seus mistérios que no Rosário contemplamos. Quanto mais aprofundarmos, pela oração e pela meditação, os mistérios do

¹ Padre António Vieira, *Sermões*, 5 vols., Porto, Lello, 1993. O Sermão XXV do Rosário de *Maria, Rosa Mística*, encontra-se no vol. IV, pp. 1135-1169. Indico, nas citações, a página.

Rosário, mais alcançamos a magia do feitiço. "Todas as outras orações são elóquio, porque em todas falamos com Deus; mas elóquio místico, só o Rosário propriissimamente. Elóquio; porque na parte vocal todo consta de vozes: místico; porque na parte mental todo consta de mistérios. Assim que, o verdadeiro devoto do Rosário, que medita os seus mistérios, e reza as suas orações, este é o sábio e prudente encantador, que encanta a Deus: *Prudentem incantatorem. Prudentem eloquii mystici*" (pp. 1158-1159).

A propósito da segunda das duas coisas que necessitam de declaração, a saber, donde tem virtude o Rosário para encantar a Deus, refere esta assombrosa razão: "alguns quiseram que a tivesse *ex opere operato*" (p. 1161), para logo a descartar como incerta e improvável, porque não são as palavras que produzem o encantamento, mas "os pactos". Não deixa de ser, no entanto, interessante, que, *per transenam*, toque aqui no carácter "sacramental" do Rosário, que é isso o que significa a fórmula teológica que utiliza, tema que lhe é muito caro, que o leva, em inúmeras passagens, a aproximar o Rosário da Eucaristia², e a consagrar um Sermão inteiro (o XIX), à comparação dos três "sacramentos", o da Eucaristia, o do Evangelho (*Beatas venter, qui te portavit*, Lc 11, 27) e o do Rosário, com esta interessantíssima tese: "No primeiro (discurso) compararei o sacramento do altar com o sacramento do ventre virginal, em maior louvor do sacramento do altar. No segundo compararei o sacramento do Rosário com o sacramento do altar, em maior louvor do sacramento do Rosário"³.

Fechado este parêntese, o da centralidade da Eucaristia, como analogado principal nos 30 Sermões do Rosário e, atrevo-me a dizer, em toda a oratória vieiriana, sigamos o discurso do "encantamento".

Na oração e na meditação do Rosário, encantamos a Deus, encantamos a Cristo e encantamos, finalmente, "a mesma Mãe da Verdade Divina humanada" (p. 1162), "a Mãe do Soberano Encantador" (p. 1162). Deus guarda em Maria os seus "pactos expressos" (p. 1162). Antigamente "constavam da Arca do Testamento, onde estavam guardados, que por isso se chamava *Arcafoederis*. E do mesmo modo constam os pactos do Rosário da verdadeira Arca do Testamento, a Virgem, Senhora nossa, por cuja sacratíssima boca não menos vezes foram repetidos e revelados" (p. 1161).

E só agora surge, na peroração, o relato do milagre, que nos interessa, "para que conste quanto mais poderosos são os encantos verdadeiros do Rosário, que os fabulosos da arte mágica" (p. 1165). Não sabemos que admirar mais. Se a concisão narrativa do relato, se o modo extraordinário de disciplinar a imaginação, de dizer o essencial, de revelar a emoção do leitor. Enfim, julgue cada um por si mesmo (pp. 1166-1168):

No reino de Valença houve um fidalgo rico e moço: com que já está dito quais seriam os seus pensamentos. Deu em festejar com passeios públicos uma senhora casada, de igual, ou maior qualidade; mas tão honesta, como ilustre. Chegou a notícia ao marido: e não só

² 9 dos 30 Sermões são "pregados/escritos" com o SS. Sacramento exposto: o 1.º, o 3.º, o 8.º, o 11.º, o 15.º - o do meio da série dos 30, e o único destes que foi, de facto, pregado, no Maranhão, no Colégio da Companhia de Jesus, no Ano de 1654, no sábado infra octavam Corpus Christi, à hora da recitação quotidiana do Rosário! -, o 19.º, o 23.º, o 27.º e o 30.º.

³ Sermões, ed. cit.vol. IV, p. 913.

para dissimular o seu agravo mas para o vingar, com pretexto de passar os calores do Estio no campo, se passou com toda a família a uma quinta. Andados alguns dias, entrou em um aposento onde estava só a mulher, deu volta à chave e tirando de um punhal, lhe mandou que escrevesse o que lhe ditasse. Respondeu a senhora, muito segura, que nem para a sua obediência eram necessários punhais, nem para a sua inocência havia temores. Escreveu: e o que continha o papel ditado, era estranhar ela ao fidalgo dos passeios o descuido de o não ver naquele retiro: avisando-o, que se era por falta de ocasião, naquela noite a tinham boa, por estar o marido ausente. Que fosse só, como o pedia o segredo: que acharia a porta do jardim aberta e uma escada arrimada a uma janela: que subisse por ela e seria bem recebido.

Mandada, e entregue esta carta, com as cautelas necessárias, já se vê qual seria o contentamento do moço, tão fácil de enganar, como cego. Deu o parabém à sua fortuna, vestiu-se da melhor gala: e tanto que foram horas, montando no cavalo, de que mais se fiava, se pôs a caminho. Lembrou-se nele (que não foi pouco em tal ocasião) que ainda naquele dia não tinha rezado o Rosário, como costumava: e ao mesmo tempo, em que o acabava de rezar, ouviu uma voz, que lhe dizia: cavaleiro, pára. Olhou e como não visse pessoa alguma, prosseguiu. E a voz outra vez: cavaleiro, pára, chega-te aqui. Era este lugar da estrada junto à forca pública, donde, segundo as leis daquele reino, se não tiram os justicados em todo um ano. E parecendo-lhe, que dentro do cercado estaria quem lhe falava; apeou--se, tirou pela espada e entrou a reconhecer quem seria. Então lhe disse um dos enforcados, que por piedade cristã lhe cortasse o barão. Fê-lo assim: caiu o enforcado em pé: e em agradecimento do benefício, que tinha recebido, lhe pediu que o tomasse nas ancas, porque o havia de acompanhar naquela jornada. Resistiu o cavaleiro, respondendo que não podia ser, por quanto lhe importava ir só: mas foram tão vivas as razões, que lhe deu o morto, que houve de condescender com elas: e foram ambos.

Chegados ao jardim acharam a porta aberta e a escada arrimada: e indo o fidalgo para subir, teve mão nele o enforcado. E pedindo-lhe a capa e o chapéu: Eu sou, disse, o primeiro que hei-de provar esta aventura, para que se faça com toda a segurança. Subiu: e não tinha bem entrado pela janela, quando se ouviu o ruído das armas com que o marido e os criados o esperavam de mão posta: e foram tantas as estocadas com que o passaram de parte aparte, que como morto e mais que morto, o lançaram pela mesma janela. Caiu outra vez em pé e tornaram a montar ambos no mesmo cavalo. Desceram os de casa a enterrar secretamente o corpo, para que se não soubesse o caso: e como o não achassem, entenderam que não tinha vindo só e que os criados o haviam retirado: e sem haver homicídio, se homizaram todos. Quem viu jamais semelhantes encantos? Mas o morto, que caminhava nas ancas do vivo, lhe declarou quem era a encantadora e qual o instrumento.

Eu, senhor (disse o enforcado ao cavaleiro) sou, e estou tão morto como vós havíeis de estar a esta hora, se a Mãe de Deus vos não livrara: e livrou-vos, porque todos os dias rezáveis o seu Rosário. Esta que em mim parece vida, e esta voz, que ouvís, tudo é fantástico: por isso me não mataram com tantas feridas e espadas os inimigos que para a vossa morte estavam aparelhados. Se vós subíreis pela escada, vós havíeis de ser o morto; e não só no corpo mas na alma: porque a porta que vos esperava aberta não era só a do jardim senão a do Inferno, donde vos não podiam livrar os passos e tenção que leváveis. Agradecei

a vida e a salvação a quem a deveis, e a mim (porque já tinham chegado ao posto da forca) me restituí ao lugar donde me tirastes. Com estas palavras nos ouvidos e com esta declaração, do que sem o entender tinha visto, confuso e assombrado, se retirou o fidalgo moço a sua casa; mas tão outro, e com tão diferente juízo, como se naquelas poucas horas se tiveram passado muitos anos. Deu tal volta à vida, que a todos e a si mesmo, mais parecia encantado que convertido. Os que o tinham conhecido escândalo da cidade, pasmaram de o ver o maior exemplo dela: os que imaginavam que o tinham morto, criam que ressuscitara: e ele que só sabia o que passara, vendo-se com alma por meio de um cadáver, vivo por meio de um morto, e tirado do Inferno por meio de um fantasma caído da forca e depois pendurado nela: tudo isto que mais pareciam sonhos, julgava haverem sido encantamentos. E verdadeiramente assim eram; porque ele por meio do Rosário tinha encantado a Mãe de Deus, e a Senhora pelo merecimento do mesmo Rosário o tinha transformado e encantado a ele.

Vemos assim como Nossa Senhora se deixa enfeitiçar pela devoção verdadeira de um moço enamorado, e enfeitiça, por sua vez, um enforcado, seu instrumento providencial, que salva o moço de cair nas mãos do marido vingativo. E conclui Vieira: "aquela alma que tão enfeitiçada andava do amor profano, os feitiços do Rosário a desenfeitiçaram" (p. 1169).

Eça de Queirós, ou o amor profano

O conto de Eça de Queirós, *O Defunto*, particulariza, de modo notável, os segredos do olhar na "arte amatória". Bastou reparar em D. Leonor de Lara, "na manhã de Maio em que a viu de joelhos ante o altar, numa réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro" (p. 166⁴), para que D. Rui de Cardenas dela perdidamente se apaixonasse. Sempre os olhos dela, porém, "permaneciam descuidados e como esquecidos, ou quando se cruzavam com os seus era tão singelamente, tão limpos de toda a emoção, que D. Rui os preferiria ofendidos e faiscando de ira, ou soberbamente desviados com soberbo desdém" (p. 169). D. Leonor vive como uma estrela, nas alturas, "sem saber que, em baixo, num mundo que ela não distingue, olhos que ela não suspeita a contemplam, a adoram e lhe entregam o governo da sua ventura e sorte" (p. 169).

A má intenção, infundada em tão honesta dama, adensa-se de negro na alma do senhor D. Alonso de Lara, seu marido, que vai tramando vingança contra o resignado moço, que desiste do seu intento e reza à Senhora do Pilar, sua madrinha, por D. Leonor, que nunca, de facto, reparou nele, nem tão pouco o chegou a conhecer. Em Cabril, no campo, surge a

⁴ Eça de Queiroz, *Contos*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d. O conto, *O Defunto*, encontra-se nas pp. 165-196. Indico, nas citações, a página. A. Campos Matos, na 2ª ed. do *Dicionário de Eça de Queiroz* (Lisboa, Caminho, 1988), refere que a génese do conto *O Defunto* "encontra-se num dos sermões do Rosário do P. António Vieira" e transcreve, nas pp. 262-263, a passagem do Sermão XXV de *Maria, Rosa Mística*, que nós também transcrevemos. Maria Eduarda Vassalo Pereira, que A. Campos Matos também cita, na "Apresentação crítica" dos *Contos de Eça de Queirós* (Lisboa, Comunicação, 1983, pp. 56-57) faz notar, sugestivamente, o papel preponderante do olhar no conto *O Defunto*, ao dizer, por exemplo, "o amor é totalmente construído pelo olhar", e ao perceber o amor "como uma troca de olhares".

proposta da carta, endereçada a D. Rui, para que acorra aos seus braços: "Vinde esta noite, entrai pela porta do jardim, do lado da azinhaga, passando o tanque, até ao terraço. Aí avis-tareis uma escada encostada a uma janela da casa, que é a janela do meu quarto, onde sereis bem docemente agasalhado por quem ansiosamente vos espera..." (p. 174). D. Leonor fica a saber assim da existência de D. Rui de Cardenas. "Ele decerto a conhecia, a encontrara, a seguira ao menos com os olhos, pois que era coisa natural e bem ligada receber dela carta de tanta paixão e promessa..." (p. 174). O desejo cresceu e consolidou-se na ausência, e D. Rui recebe a carta num "deslumbramento" (p. 177), lê "aquele pergaminho divino" (p. 178) e logo ali se convence de "um amor muito astuto, por ser muito forte" (p. 178). Afinal, sempre ela o amara, "desde a manhã bendita em que os seus olhos se tinham cruzado no portal de Nossa Senhora" (p. 178).

No caminho para o encontro fatal, D. Rui lembrou-se que "nessa tarde não fora à igreja, à hora de vésperas, rezar e pedir a bênção à sua divina madrinha. Com um salto, desceu logo do cavalo; porque justamente, rente ao velho arco, tremeluzia uma lâmpada alumando um retábulo. Era uma imagem da Virgem com o peito traspassado por sete espadas. D. Rui ajoelhou, pousou o sombreiro nas lajes e com as mãos erguidas, muito zelosamente, rezou uma salve-rainha" (p. 180). E eis que passa pelo cerro dos Enforcados. "Ressoou uma voz, uma voz que o chamava, suplicante e lenta: - Cavaleiro, detende-vos, vinde cá!..." (p. 182). Outra vez, "mais urgentemente o chamou, ansiosa, quase aflita: - Cavaleiro, esperai, não vos vades, voltaí, chegai aqui!..." (p. 182).

D. Rui marchava, rente ao portal da sua amada, "com o olhar faiscando, como num caminho de emboscada e briga" (p. 186) e o seu "coração recomeçou a bater numa esperança de amor" (p. 187). E quando da cena do embuste, quando o enforcado subia a escada, era ele, D. Rui, que no seu disfarce subia. Mas, de facto, ele via o outro subir: "E D. Rui olhava, com olhos que faiscavam, tremendo de pasmo e cólera, (...) olhava, desesperadamente, com os olhos, com a alma, com todo o seu ser..." (p. 188). Vozes violentas, adagas que faíscam. "Como um fardo, do alto da escada, pesadamente, o enforcado cai sobre a terra mole. Vidraças, portadas do balcão logo se fecham com fragor. E não houve mais senão o silêncio, a serenidade macia, a Lua muito alta e redonda no céu de Verão" (p. 188).

O que se segue é o arrependimento do cavaleiro, que reconhece a mercê de Deus, por intercessão da Senhora do Pilar, quando o enforcado lhe explica o sucedido, lhe pede que o pendure de novo e que reze por sua alma. O que se segue é o desconcerto do senhor de Lara ao encontrar vivo o homem que ele julgara ter morto, que atravessara com a sua adaga. Um dos enforcados, no cerro, fora visto com uma adaga cravada no peito. D. Alonso "quis partir, e por seus olhos verificar a fúnebre profanação" (p. 195). "Era a sua adaga - fora ele que matara o morto!" (p. 195). Espavorido, galopa para Cabril, e tal espanto e desespero lhe entenebrece a alma, que a morte brevemente o encontra, "por baixo do balcão de pedra, todo estirado no chão, com os dedos engravados no canteiro de goivos, onde parecia ter longamente esgaravatado a terra, e procurado..." (pp. 195-196).

O fim da história é feliz. D. Leonor agora sabe quem é o cavaleiro que a ama tão secretamente. Era ela agora que "espreitando de entre as gelosias, meio cerradas, o seguia, com olhos que se não fartavam e se humedeciam, quando ele cruzava o adro para entrar na

igreja" (p. 196). Um dia, depois do luto passado pela morte do marido, entra D. Leonor na igreja e vê D. Rui rezando, ajoelhado. "Ao rumor das sedas finas, ergueu os olhos com uma esperança muito pura e toda feita de graça celeste, como se um anjo o chamasse" (p. 196). Ante o altar, nessa mesma igreja, foram casados pelo bispo de Segóvia, no Outono do ano da graça de 1475.

Conclusão

496 Parece inegável o empenho de Eça de Queirós em desmaterializar o amor, concebendo-o como sonho ideal, servindo-se da devoção religiosa para o tornar mais poético, desejável, um anelo de olhares que, finalmente, se encontram; e o empenho de Vieira em mostrar o realismo objectivo da fé, que se traduz numa lúcida segurança do olhar que desmascara a cegueira da paixão. O amor verdadeiro, para o Pregador, restitui a clareza ao olhar, "desenfeitiça-o", desmascara-o. A devoção religiosa, seja ela o Rosário, seja o ramo de flores que D. Rui depõe sobre o altar, como expressão afectiva da fé, empresta ao olhar uma ceita sacralidade, a pureza, em suma, que define o amor bem-aventurado. Só o amor sacro "enfeitiça", com segurança, porque prende o olhar, e o coração, na Verdade absoluta. O amor profano, para usar a distinção clássica, precisa do olhar para "enfeitiçar-se", mas não pode permanecer na imagem, precisa de deixar-se "desenfeitiçar" pelo invisível da fé.

Ticiano pintou "a alegoria do amor sacro e do amor profano", como um ex-voto nupcial, dizem alguns especialistas, na figura de duas belas mulheres, uma nua outra vestida. Qual delas é o amor sacro e qual o amor profano? Talvez esta nossa singela aproximação entre dois grandes escritores, tenha mostrado a verdade e a complementaridade de dois estilos e de dois amores. Vieira influenciou Eça de Queirós? Não sabemos bem. Eça de Queirós aproximou-nos de Vieira? A nós, leitores atentos e devotos de cada um deles, certamente que sim.